

# RECUPERAÇÃO DE CRIMINOSOS

Jorge Amado

1ª edição pela Editorial Vitória, 1951

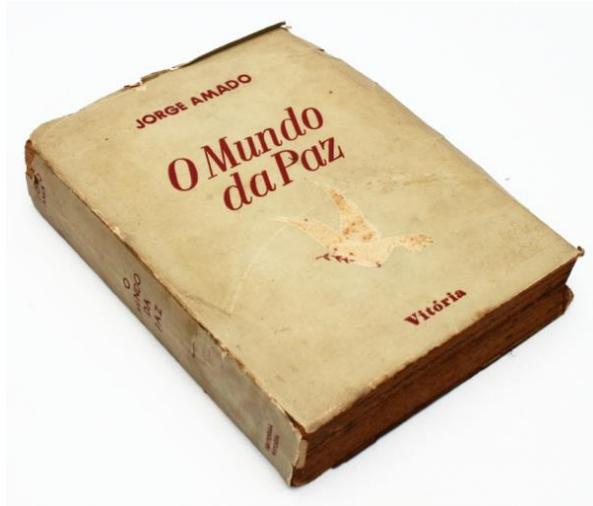
Relata a visita em 1948 e 1949 a União Soviética e vários países de democracia-popular: Tchecoslováquia, a Polônia, a Hungria, Romênia, a Bulgária. Trecho entre as páginas 212 a 217



Mais uma vez a reação se levanta para gritar contra os “campos de trabalho soviéticos”. “Trabalho forçado”, ladram os cães do imperialismo em fúria. “os condenados pela justiça na URSS, são vítimas de um sistema de punição abomináveis”, dizem os linchadores de negros, os que metralham grevistas, os antissemitas, aqueles que constroem nas cidades dos países capitalistas mais prisões que escolas. Caluniam a uma das mais admiráveis realizações do homem do nosso tempo: regeneração dos criminosos através do trabalho coletivo, através da recuperação da sua dignidade humana.

Conheço algo das prisões brasileiras por nelas haver estado, por mais de uma vez, como prisioneiro político. Os criminosos nelas recolhidos – assassinados, ladrões,

malandros - não são jamais objeto de nenhuma tentativa de reeducação, ninguém se preocupa de recuperá-los para a sociedade. Muito ao contrário, o regime de encarceramento, com todo o seu infundável cortejo de castigos, injustiças, humilhações, só faz reforçar nos presos seu ódio à sociedade, só desenvolve seus instintos maus. A pena de prisão é aplicada como um castigo,



como uma vingança, não existe sequer a intenção de ganhar aquele ser desviado, de torná-lo um homem útil. Por menor tempo que se passe numa prisão brasileira, de qualquer parte do Brasil (conheço prisões em Manaus e em Pôr! Alegre, no Rio de Janeiro e em São Paulo), pode-se constatar a condição de rebotalho humano a que são reduzidos os condenados. Não me refiro aqui sequer às torturas, física e morais, infligidas pelos presos políticos. Falo do sistema penitenciário reservado aos condenados por crime comum. Relato apenas um detalhe: quando me encontrava preso, em 1942, na Casa de Correção do Rio de Janeiro, contaram-me presos comuns que uma das fontes de renda dos guardas (verdadeiros bandidos) era a venda, aos velhos criminosos, de condenados jovens. Estes eram colocados pelos guardas, contra um pagamento em dinheiro, nas celas de certos criminosos que satisfaziam neles seus instintos sexuais deformados pela prisão. Creio que esse detalhe basta para dar uma idéia do quadro de horror das prisões do Brasil.

E na URSS? A confiança dos soviéticos no homem é qualquer coisa de realmente extraordinário. «O homem é o capital mais precioso», esse ensinamento de Stálin parece dirigir todas as relações entre a sociedade socialista e o ser humano, mesmo quando este vem de violar as leis que regulam a vida social. Ali a condenação não tem esse caráter de castigo, de vingança, que marca a legislação penal e o sistema penitenciário dos países capitalistas. Ali, a condenação pela justiça representa a defesa da sociedade contra alguém que não se mostra preparado convenientemente para conviver com os demais. Este é separado da sociedade, mas não é deixado ao abandono com seus piores instintos e seu ódio, na cela de uma prisão. Ele é objeto de um cuidado permanente, de uma ajuda quotidiana por parte da sociedade, através do Estado. O Estado busca reeducá-lo, redimi-

lo da condição miserável de criminoso, refazer sua personalidade humana, torná-lo um ser digno e útil, reintegrá-lo finalmente na sociedade. Essa é a tarefa admirável dos campos de trabalho soviéticos. E' através do trabalho, coletivo e útil, que o condenado toma consciência da sua utilidade social. Trabalho que é acompanhado de uma assistência diária dada por especialistas de reeducação.

Vale a pena conhecer o que escreve sobre o assunto um grande jurista, o conhecido advogado francês Marcel Willard, que teve ocasião de estudar, in loco, o sistema penal soviético, que viu os campos de trabalho para recuperação de criminosos. Referindo-se ao código penal soviético, ele afirma: «Se existe um país onde o aparelho repressivo não é absolutamente um instrumento de vingança pública, esse é o país do socialismo. Dois anos após a vitória sobre o fascismo (em 26 de maio de 1947) a pena de morte foi abolida. O encarceramento não é o castigo normal, é a exceção. A grande maioria das penas não comporta privação de liberdade: o condenado livre trabalha, seja em locais de trabalho do Estado, seja no seu local de trabalho habitual, e nesse caso a pena se reduz a uma multa (de 25% no máximo) sobre seu salário e à suspensão das vantagens sociais. A pena mais grave, longe de ser baseada sobre ideias de expiação ou de represálias, visa um duplo fim: medida de preservação social, ela isola um certo tempo o culpado, considerado perigoso, da sociedade dos trabalhadores; medida corretiva (e não correccional), e tende, durante a sua duração, a criar progressivamente no condenado as condições de sua readaptação, de sua reintegração social».

Marcel Willard esteve visitando os campos de trabalho para reeducação de criminosos. Ele descreve assim a vida dos condenados de direito comum que trabalhavam na construção do canal que liga o Mar Báltico ao Mar Branco: «Eu vi ao vivo como os condenados, tomando parte na organização coletiva (da emulação no trabalho, na organização das festas e recreações e da disciplina), contribuíaam eles mesmos para criar as condições que aproximam gradualmente sua vida da dos trabalhadores livres que eles voltariam a ser. Eles estabeleciam seus conselhos de cultura, seus «tribunais de camarada construíam seus clubes, redigiam seus jornais murais onde abundavam (e com que livre verve) as caricaturas, os artigos de crítica e de autocrítica. Seu trabalho, longe de ser explorado por traficantes de mão-de-obra a preço vil, estava regulado e remunerado segundo as normas controladas pelos sindicatos. Os bons trabalhadores podiam se beneficiar de férias de 3 a 15 dias (com bilhete de trem gratuito). E eles voltavam! As



[www.averdade.org.br](http://www.averdade.org.br)

fugas eram raras: a maior parte dos condenados, estimulada, desejava de uma qualificação reabilitaste, fazia ponto de honra de não desmerecer da confiança obtida. A libertação antecipada era a regra geral: as reduções das penas de um terço ou mesmo de metade não eram nada excepcionais. Essas reduções eram propostas por uma comissão onde estavam representados, além do Soviet local, os sindicatos e a organização da juventude (o Komsomol). Eu mesmo conversei, em Magnitogorsk, com homens que, tendo sido condenados a 10 anos, haviam sido libertados ao fim de dois anos e meio. E o mais notável é que esses homens não são somente libertados fisicamente, eles são também libertados do seu passado: os trabalhadores livres dos quais, daí em diante, eles serão camaradas, ignorarão sua condenação. A página é virada. Cabe-lhes escrever seu futuro numa nova página limpa. Entre os condenados que trabalham na construção do Canal dos dois mares, contou-se com 12 mil libertados antes do termo de suas penas, com 20 condecorados com a «Ordem de Lênin».

Até aí Marcel Willard. Desejo agora contar uma história que ouvi em Moscou. Almoçava no restaurante de um grande hotel em companhia de um amigo soviético, quando este foi saudado de outra mesa por um senhor de certa idade, de rosto plácido e ar jovial. Meu amigo disse-me: - este homem é um exemplo da justeza dos métodos de reeducação que formam a base do nosso código penal. Ele esteve, há bastante tempo, condenado a uma larga pena de prisão.



*Imagens de Moscou - URSS*

Contou-me a história: - Ele vinha de terminar seu curso de medicina por ocasião da Revolução. Filho de burgueses ricos, tomou naturalmente posição contra os bolcheviques e durante anos andou servindo nas tropas brancas antirrevolucionárias. Não tendo podido emigrar, dedicou-se a toda sorte de empresas sujas que lhe apareciam: mercado negro, tráfico de toda espécie, etc. Esquecera completamente sua profissão de médico, era um rebotalho social. Foi preso uma, duas, três vezes. Terminou sendo condenado a uma larga pena e foi enviado a um campo de trabalho. Ali, talvez para evitar o trabalho físico, recordou-se de sua condição de médico e a declarou aos responsáveis. Havia falta de médicos naquele tempo, ele foi utilizado na sua profissão. Deram-lhe uma casa, material de consultório, de pequena cirurgia, remédios, etc. Ele era um bom médico, a guerra lhe dera prática. Aos poucos, o entusiasmo da profissão honesta e útil foi-lhe voltando. Os responsáveis comunistas do campo espicaçavam os seus adormecidos anseios intelectuais, interessaram-no na biblioteca, trouxeram-no para os trabalhos de ajuda à educação dos demais. O homem se apaixonou totalmente pelo trabalho a realizar. Basta lhe dizer que, devido ao seu esforço como médico e ao seu comportamento exemplar, sua pena foi comutada algum tempo depois: ele não quis abandonar o campo. Ali ficou, agora como cidadão livre e funcionário do Estado na qualidade de médico,

durante ainda alguns anos. Depois veio para Moscou, hoje é médico num grande Instituto e cidadão respeitável, condecorado pelos seus trabalhos.

Como você conhece a sua história? - perguntei ao meu amigo.

- Porque ele me contou. Ele gosta de contar como «voltou a ser um homem» - é a expressão que ele usa. Se ele não a contasse ninguém a conheceria, pois quando ele foi reabilitado, seu passado foi para sempre enterrado.

Olhei através do grande salão do restaurante. O médico sorria para nós com seu rosto jovial onde alguns cabelos brancos punham uma nota de respeitabilidade. Eu pensava na campanha histórica da reação mundial contra os campos de trabalho para a reabilitação de criminosos na URSS. A burguesia em pânico não recua mesmo ante as mais belas realizações do homem.

É necessário caluniar, mentir descaradamente, para, por um lado encobrir os linchamentos de negros, o assassinato de operários, a torva brutalidade das prisões capitalistas, o sentido de classe de sua justiça, e, por outro lado, criar uma legenda de terror e de maldade em torno da União Soviética. A imprensa francesa dos últimos meses dedicou colunas e colunas aos campos soviéticos de trabalho para reabilitação dos criminosos. Campanha dirigida por intelectuais trotskistas a serviço do imperialismo. Cortina de fumaça para encobrir a situação dos mineiros franceses atirados às dezenas nas prisões imundas após as últimas greves, para esconder aos olhos do povo a indescritível situação dos patriotas africanos condenados pelos colonialistas franceses, para desviar os olhos da população dos horrores da guerra injusta contra a República do Vietnam. Para evitar os protestos populares contra o fuzilamento de operários e camponeses na Itália, o massacre de negros nos Estados Unidos.

Mas a campanha, entregue pelo imperialismo aos lacaios «esquerdistas», só serviu para que o povo pudesse medir a imensa distância entre os métodos penais soviéticos - métodos de reeducação e reabilitação do homem - e os dos países capitalistas. A grandeza da União Soviética e das realizações do homem soviético elevam-se sobre a calúnia e a infâmia, iluminam o caminho dos povos em sua luta.